

MEMÓRIAS DO PROEJA: REVISITANDO O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE ELETROMECCÂNICA DO IFSC, CÂMPUS CHAPECÓ¹⁶

Adriano Larentes da Silva

Doutor/IFSC

adriano.silva@ifsc.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar um conjunto de memórias sobre o processo de implantação do Curso Técnico de Nível Médio em Eletromecânica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Chapecó. As memórias analisadas são de educadores, educandos e outros servidores ligados ao referido curso e foram sistematizadas a partir da realização do projeto de pesquisa “Organização da Memória do Curso de PROEJA em Eletromecânica do IFSC, Câmpus Chapecó”, realizado de agosto de 2011 a julho de 2012. Os resultados do trabalho realizado mostram distintas perspectivas, sentimentos e formas de identificação dos sujeitos envolvidos com o processo de implantação do curso de Eletromecânica a partir do final de 2007.

Palavras-chave: PROEJA. Memória. Implantação.

57

ABSTRACT

The present study aims to analyze a set of memories about the deployment process of the Electromechanical Course in the modality of Youth and Adult Education (PROEJA), at Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Chapecó. The data were collected through interviews with educators, students and other servers of the course, and were systematized as part of the research project called “Organizing the memory of the Electromechanical course at IFSC, Campus Chapecó”, held between August, 2011 and July, 2012. The results of the analysis show distinct perspectives, feelings and ways of identifying the subjects involved with the deployment process of the Electromechanical Course.

Keywords: PROEJA. Memory. Deployment.

¹⁶ Este trabalho é dedicado ao nosso grande companheiro Joni Coser, in memoriam, por sua contribuição para a materialização do Curso de PROEJA em Eletromecânica do IFSC, Câmpus Chapecó. Como um dos educadores do curso e um dos entrevistados da pesquisa realizada, Joni é parte importante das Memórias do PROEJA

Introdução

A criação do PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos levou a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica a ampliar sua atuação com o público jovem e adulto e fez surgir novas experiências educativas em todo o Brasil a partir de 2005.

Considerando os inúmeros desafios que o PROEJA impôs e continua impondo a todos, é fundamental revisitar o processo de sua materialização para se compreender como as experiências ocorreram e continuam ocorrendo. Neste contexto, uma das tarefas para os atuais pesquisadores do PROEJA é a de recuperar as memórias dos envolvidos com esse programa, o que permite entrar em contato com uma história viva, pulsante, carregada de representações e projetos individuais e coletivos dos diferentes sujeitos que participaram e participam dessas experiências.

Como mostra Hobsbawm (1998), a maneira como nos posicionamos a respeito do passado e quais as relações entre o vivido, o que estamos vivendo e viveremos “não são apenas questões de interesse vital para todos: são indispensáveis”. Segundo este historiador, “é inevitável que nos situemos no *continuum* de nossa própria existência, da família e do grupo a que pertencemos”. Neste processo, aprendemos e damos sentido às nossas experiências (HOBSBAWM, 1998, p. 36).

O presente trabalho tem por objetivo analisar um conjunto de memórias sobre o processo de implantação do Curso Técnico de Nível Médio em Eletromecânica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA em Eletromecânica), do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Chapecó, localizado na cidade Chapecó, região oeste de Santa Catarina. As memórias analisadas são de educadores, educandos e outros servidores ligados ao referido curso e foram sistematizadas a partir do projeto de pesquisa “Organização da Memória do Curso de PROEJA em Eletromecânica do IFSC, Câmpus Chapecó”, realizado entre agosto de 2011 e julho de 2012.

Ao trazer à tona esse conjunto de memórias do PROEJA em Eletromecânica busca-se situar a experiência vivida em um contexto mais amplo, de outras experiências ligadas a um programa que trouxe para a rede federal inúmeros desafios, contradições e possibilidades.

A reflexão sobre a experiência vivida permite que educadores e educandos situem-se numa perspectiva de seres criadores e transformadores, os quais, segundo Freire (2005), não produzem somente bens materiais, mas também as instituições sociais, suas ideias e concepções.

Memória, Experiência e Educação

Em uma perspectiva historiográfica, Memória é um conjunto de representações individuais e coletivas do passado, construídas e reconstruídas constantemente no tempo presente por meio da oralidade, de documentos escritos, de imagens e de diversas outras fontes e *lugares de memória* (LE GOFF, 1990).

Por meio da Memória, segundo Catroga (2001, p. 44), “cada um se filia no seu próprio passado” e “constrói a sua identidade e a sua distinção em relação aos outros”. Para esse autor, Memória é recordação, rememoração, identidade, alteridade, esquecimento e seleção. De acordo com Catroga, é à luz do seu passado e dentro de uma tensão tridimensional do tempo (passado-presente-futuro) que homens e mulheres organizam o seu percurso de vida como *projeto*.

Como construção individual e coletiva a Memória ganha sentido a partir da experiência vivida e das múltiplas trajetórias percorridas. Assim, Memória e Experiência andam juntas e como tal passam do singular para o plural, contribuindo para (re) significar o presente.

Para Thompson (1981), a Experiência emerge das relações e dos conflitos de classe, a partir dos quais homens e mulheres inicialmente experimentam situações diversas em determinado contexto social, para, em seguida, “tratar” essas experiências em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras. Por fim, segundo Thompson, esses sujeitos agem ou não sobre uma situação determinada. Para Scott (1999), a Experiência não é algo dado, pronto e acabado, estático, que pode ser entendido como “a origem de nossa explicação”, mas é produzida e reconstruída cotidianamente.

No campo da educação um dos primeiros autores a utilizar o conceito de Experiência foi o estadunidense John Dewey, no início do século XX. Para Dewey, as experiências individuais e coletivas, escolares e extraescolares, eram a base para o avanço do que ele identificava como uma “educação progressiva”, a qual deveria ser o contraponto à escola tradicional. No entanto, na visão de Dewey, nem todas as experiências vividas eram educativas e contribuíam para a superação dos modelos escolares vigentes. Segundo Dewey, (2010), qualquer experiência que tivesse o efeito de impedir ou distorcer o amadurecimento de futuras experiências poderia ser considerada “deseducativa”.

Apesar de bastante focada numa perspectiva pragmática e psicológica, como apontou Ramos (2010), um dos méritos de Dewey ao relacionar experiência e educação foi o de mostrar a importância das trajetórias individuais e coletivas para a construção do conhecimento escolar. Para ele, tanto as experiências dos educandos quanto dos

educadores são fundamentais para que ocorram avanços na educação.

Experiência e Memória são, portanto, categorias-chave para a compreensão da escola e dos sujeitos que a fazem. A partir dessas categorias é possível entrar em contato com vivências múltiplas, sejam elas institucionais, de gestão, de concepção de projetos, de aprendizado ou de sala de aula. Isto porque Memória e Experiência andam sempre lado a lado e são fundamentais para a análise dos diferentes processos educativos, suas rupturas e permanências. Segundo Jara (2011), as experiências e as memórias advindas dos processos educativos contêm potencialidades e aprendizados que é preciso intencionalmente explicitar ou descobrir por meio de sua sistematização.

No caso do objeto de análise do presente artigo, a opção feita foi compreender as experiências e as memórias do PROEJA a partir de um conjunto de fontes históricas, que inclui documentos escritos, fotografias e entrevistas gravadas. No processo de gravação das entrevistas usou-se como referência a perspectiva da História Oral, a qual permite saber sobre a experiência vivida e como ela é (re)significada no presente. A História Oral, como mostrou Portelli (1993), possibilita conhecer histórias e projetos de vida, sonhos inacabados, conflitos e experiências não escritas ou registradas de outra forma. Além disso, por meio da História Oral são produzidos novos documentos e fontes de pesquisa (ALBERTI, 2005) que, no caso da educação, contribuem para novas reflexões e redirecionamentos das práticas pedagógicas e institucionais.

Um dos diferenciais da História Oral em relação a outras ferramentas é o fato de exigir um compromisso e uma relação de proximidade entre entrevistador e entrevistado. Como o objeto de estudo da História Oral são as pessoas em seu fazer cotidiano, uma das exigências aos que trabalham com esta metodologia é o respeito à visão de mundo de cada pessoa ouvida. É essa visão de mundo, segundo Alberti (2005), que torna único cada depoimento e possibilita a compreensão do contexto histórico e cultural de cada entrevistado. O respeito e a valorização do que cada pessoa tem a dizer e a contar é o primeiro passo na difícil tarefa de compreensão do cotidiano escolar.

Na escolha dos entrevistados para a pesquisa aqui apresentada não se priorizou a quantidade, mas pessoas que representassem os diferentes segmentos envolvidos com o PROEJA. Neste sentido, as entrevistas foram feitas com um representante da gestão, um representante do Núcleo Pedagógico, um estudante da primeira turma, um professor com formação em Engenharia Elétrica, um professor com formação em Engenharia Mecânica e um professor da área de formação básica. Outro critério utilizado para a escolha

dos entrevistados foi a participação ativa no curso de PROEJA em Eletromecânica desde o processo de concepção do currículo, em 2008.

Memórias e Experiências da implantação do curso de PROEJA em Eletromecânica

As memórias e experiências relacionadas ao curso de PROEJA em Eletromecânica do ponto de vista histórico são bastante recentes. No entanto, como mostrou Freire (2002), o hoje está intimamente ligado ao ontem e nossa presença no mundo ocorre a partir do que herdamos genética, social, cultural e historicamente de pessoas que viveram antes de nós.

Neste sentido, o PROEJA deve ser entendido como a síntese de inúmeras experiências de EJA que vêm ocorrendo há mais de um século no Brasil. São experiências ligadas ao movimento operário, ao movimento negro, à educação popular, entre várias outras.

No IFSC, a oferta de cursos de EJA ocorre desde 2004 e de PROEJA desde 2006, com o início das primeiras turmas no Câmpus Florianópolis - Mauro Ramos e no Câmpus São José. Posteriormente, novos projetos de curso de PROEJA foram construídos também no Câmpus Florianópolis-Continente, no Câmpus Chapecó e em outros Câmpi do IFSC. De acordo com dados da Pró-Reitoria de Ensino (IFSC, 2014), o período com maior oferta de turmas de PROEJA no IFSC foi o primeiro semestre de 2012, quando o número de turmas de PROEJA-Formação Inicial e Continuada (FIC) e de PROEJA - Técnico chegou a catorze. Desde então houve uma redução da oferta, chegando a apenas duas turmas no primeiro semestre de 2013. No primeiro semestre de 2014, de acordo com a Pró-Reitoria de Ensino, havia quatro câmpi do IFSC ofertando cursos do PROEJA em Santa Catarina (IFSC, 2014). De todas as experiências iniciadas, a mais duradoura e ofertada por mais tempo de forma ininterrupta é a do curso de PROEJA em Eletromecânica do Câmpus Chapecó.

Em Chapecó, a oferta de PROEJA começou a ser pensada no final de 2007 e a primeira turma iniciou as aulas em fevereiro de 2009. Uma das preocupações da pesquisa, realizada em 2011 e 2012, foi buscar entender como o PROEJA foi concebido na instituição e qual a participação dos servidores nesta concepção.

Tal preocupação está relacionada às ponderações feitas por Arroyo (2009) em relação ao lugar dos profissionais da educação no processo de constituição das escolas. De acordo com este autor, o que ocorre muitas vezes são estes profissionais aparecerem como um “apêndice, um recurso preparado ou despreparado, valorizado ou desvalorizado”, que, depois da construção da escola, do currículo e outros aspectos, são os que “darão conta da tarefa” (ARROYO, 2009, p. 9-10).

No Câmpus Chapecó, assim como ocorreu em outros câmpi de Institutos Federais em diferentes estados brasileiros, a decisão sobre a oferta de cursos de PROEJA ocorreu, principalmente, em função dos decretos 5.478/2005 e 5.840/2006 e foi uma iniciativa da gestão do Câmpus.

Para o professor A¹⁷, entrevistado em dezembro de 2011, a decisão da oferta de PROEJA considerou, além do decreto 5.840/2006, também a realidade regional.

Nós chegamos aqui, sem conhecer a cidade, e com o tempo nós fomos observando que existia um número grande de pessoas que trabalhavam na empresa onde nossos alunos do curso subsequente trabalhavam que não podiam vir fazer o curso conosco porque não tinham o Ensino Médio concluído.¹⁸

Uma das primeiras dificuldades enfrentadas, de acordo com este entrevistado, estava relacionada ao planejamento inicial do Câmpus, que fez parte do Plano de Expansão I da Rede Federal e tinha como previsão inicial ofertar apenas dois cursos subsequentes de Eletroeletrônica e Mecânica. Não havia, segundo ele, previsão de professores e de estrutura física para um novo curso, além de ser necessário convencer o grupo de servidores sobre a importância do PROEJA.

Reunimos os professores, mostramos para eles o trabalho que a gente tinha feito na Sadia, que na época os nossos cursos eram ditos, ah, é o curso da Sadia? É, pois tinha tantos alunos da Sadia que foi dito que o curso era da Sadia (risos). E daí foi um pedido das moças (Setor de Recursos Humanos) lá da Sadia, que eles queriam qualificar as outras pessoas que não tinham o Ensino Médio e tal. E aí foi reforçando a ideia do PROEJA.¹⁹

De acordo com o entrevistado A, foram feitas “várias reuniões”, das quais algumas pessoas chegavam a sair bravas “porque não queriam PROEJA, porque o pessoal não teria condições de fazer um curso técnico”. Para esclarecer sobre o PROEJA, segundo o entrevistado, uma estratégia foi trazer algumas pessoas de fora do Câmpus.

Nós trouxemos a Nilva (Diretora de Ensino do então CEFET/SC) para fazer algumas falas, trouxemos o Queiroz (na época professor do Câmpus Mauro Ramos). Depois começou a especialização do PROEJA e algumas pessoas trabalharam com o nosso grupo também.²⁰

17 Mesmo obtendo a autorização para publicar seus nomes, optou-se por identificar os entrevistados por letras visando preservar o anonimato. A escolha das letras para cada entrevistado levou em conta apenas a sequência em que estes aparecem no texto.

18 Entrevistado A. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva e Daniel Zanini Severo**. Chapecó, Dez. 2011. Acervo do projeto de Pesquisa Organização da Memória do PROEJA.

19 Idem.

20 Idem.

Conforme a entrevistada B, que chegou ao Câmpus em dezembro de 2007 para integrar a equipe do Núcleo Pedagógico, a implantação do PROEJA era debatida inicialmente apenas de maneira informal, nos corredores, a partir da iniciativa da direção do Câmpus.

Na verdade o Juarez, como diretor, queria atender essa questão do decreto (5.840/2006) e isso é um mérito dele. Mas não tinha a abertura da maioria dos servidores para que esse debate fluísse, que esse debate viesse à tona para implantar o PROEJA no Câmpus Chapecó. Ele usava a estratégia de ir tentando minar. Minar nos bastidores para ver se a coisa pegava, para ver se a coisa engrenava. Porque tinha uma resistência grande, declarada, de PROEJA dentro do Instituto.²¹

De acordo com esta entrevistada, ouvida em maio de 2012, as resistências iniciais não estavam relacionadas exclusivamente ao PROEJA, mas a um conjunto de fatores internos e externos ao Câmpus. Entre estes fatores estavam a forma como o Departamento de Ensino era conduzido, a visão negativa em relação ao trabalho do Núcleo Pedagógico e as expectativas que os profissionais recém contratados tinham em relação ao caminho a ser trilhado pelo Câmpus.

Os professores sentavam semanalmente e tinham um momento de formação. Tentamos de várias formas e nenhuma funcionou. Usei da estratégia de trabalhar alguns filmes para sensibilizar e lembro que um dos que mais sensibilizou porque eu relatei com a Educação de Jovens e Adultos, porque eu já tinha essa intenção, foi o “Meu Nome é Rádio” (...). Depois peguei textos, estudos, sempre na tentativa de ir sensibilizando, relacionando e não ir para o debate de concepções. Pegar filmes, pegar textos para sensibilizar, para conseguir fluir melhor a discussão.²²

A clareza que tanto a entrevistada B quanto o entrevistado A tinham em relação à importância da oferta de Educação de Jovens e Adultos estava relacionada a experiências anteriores que ambos viveram em contextos para além do IFSC.

No caso do entrevistado A, contou muito sua trajetória e vivência profissional na direção do então Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Santa Catarina (CEFET/SC), onde acompanhou de perto programas de elevação de escolaridade e profissionalização de jovens e adultos como FormaSUS, Recomeçar, Integração, entre outros realizados pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) no final da década de 1990 e início dos anos 2000. Tais programas tinham como

21 Entrevistada B. *Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva e Leandro da Silva*. Chapecó, Mai. 2012. Acervo do projeto de Pesquisa Organização da Memória do PROEJA.

22 Idem.

perspectiva a educação integral dos trabalhadores e contestavam a lógica de uma educação aligeirada, voltada exclusivamente ao mercado e descontextualizada da realidade vivida pelos sujeitos jovens e adultos. Segundo este entrevistado, estas experiências anteriores contribuíram para a decisão de implantar o PROEJA em Chapecó.

[...] o Recomeçar nós construímos juntos. Participei da formação do curso e a gente abriu para pessoas maiores de 18 anos, desempregadas ou em via de perder o emprego (...). Inicialmente era só com professores da Escola Sul (da CUT), aí depois houve um projeto de um curso técnico que aproximou a Escola Sul mais ainda do Instituto, ou da Escola Técnica, que na época foi Hotelaria e Turismo, dentro do próprio Instituto, mas as aulas eram ministradas na Escola Sul da CUT. Então essa relação começou a ser construída ali, na sequência. O Recomeçar foi fácil de ser construído porque a CUT também tinha outro programa, que era da saúde, FormaSUS, que também conseguimos parceria com a CUT e formar um número grande de pessoas. (...) As pessoas envolvidas com aquele projeto, quando assumiram a direção é que deram continuidade com o projeto de PROEJA-FIC, PROEJA de Ensino Médio.²³

Como mostra o depoimento acima, há uma conexão entre experiências anteriores de EJA, realizadas pela CUT nos anos 1990 e 2000, e a decisão de implantar o PROEJA no IFSC, a partir de 2006. Destas experiências participaram profissionais do IFSC que, com a expansão da rede federal, acabaram assumindo a gestão de novos câmpi. Estes são os casos do Câmpus Chapecó e do Câmpus Florianópolis-Continente que, em 2012, eram os câmpi do IFSC com maior número de educandos matriculados em cursos de PROEJA.

Assim como no caso do entrevistado A, a trajetória da entrevistada B no IFSC também foi influenciada por experiências vividas em outros contextos. Neste caso, contou muito o seu envolvimento com o Projeto de Educação Popular da Prefeitura Municipal de Chapecó do período de 1997 a 2004. Baseado na perspectiva de Temas Geradores de Paulo Freire, este projeto procurou dar novos sentidos à EJA, em Chapecó, durante o mandato da Administração Popular no município, conforme mostra Paludo (2009).

De acordo com a entrevistada B, a experiência anterior foi revisitada principalmente a partir do início de 2008, quando foi estruturado um grupo de trabalho para a construção do projeto do novo curso técnico no âmbito do PROEJA, no Câmpus Chapecó.

O grupo de trabalho, nomeado pela direção, era formado

23 Entrevistado A. Op. Cit.

inicialmente por professores da área técnica, chefe do Departamento de Ensino, Núcleo Pedagógico e assessoria da direção do Câmpus. Foi este grupo, coordenado pela entrevistada B, que encaminhou uma pesquisa junto à comunidade para definir o curso que seria ofertado e um cronograma de formação com a equipe que materializaria o projeto pedagógico. Tal pesquisa foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2008, e entrevistou mais de 600 pessoas de diferentes segmentos da sociedade. A partir desta pesquisa ficou definida que o curso seria em Eletromecânica, e no horário noturno (PROJETO, 2010).

O processo de implantação do PROEJA, apesar das experiências anteriores dos entrevistados citados acima, envolvia uma equipe bastante plural e que, em sua grande maioria, não tinha experiência com a Educação de Jovens e Adultos e o ensino integrado.

Entre as pessoas envolvidas neste processo inicial estavam outros três professores entrevistados. Destes, os dois primeiros (C e D) chegaram ao Câmpus para atuar inicialmente como professores nos cursos subsequentes de Mecânica e Eletroeletrônica, enquanto a terceira entrevistada (E) foi uma das contratadas para trabalhar no novo curso de PROEJA.

De acordo com o entrevistado C, ouvido em março de 2012, quando ele chegou ao Câmpus, em janeiro de 2008, já circulava a informação de que haveria um curso para o público jovem e adulto. No entanto, as medidas tomadas inicialmente eram mais de gestão e não contemplavam debates mais aprofundados sobre o tema. “Essas informações vinham nas reuniões que nós fazíamos, reuniões de todos os professores que aconteciam semanalmente, e também elas estavam assim sempre presentes cada vez que a gente tratava alguma coisa com a direção”, afirma. Segundo este entrevistado, não houve por parte dos professores da área de Engenharia Mecânica, recém-chegados, um apoio imediato e nem uma oposição à ideia de trabalhar no PROEJA.

Foi uma questão para nós, no momento, indiferente. Como nós estávamos chegando, dispostos a atuar em todas as modalidades, de qualquer forma não teve nenhuma reação no sentido de um apoio imediato. E também não houve nenhuma oposição.²⁴

Na opinião do entrevistado D, que chegou ao Câmpus em fevereiro de 2007, a implantação do PROEJA era, de fato, um desejo da direção, mas também “uma necessidade que tinha que ser implantada logo”, pois era uma demanda efetiva da comunidade. Para este entrevistado,

²⁴ Entrevistado C. *Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva e Leandro da Silva*. Chapecó, Mar. 2012. Acervo do projeto de Pesquisa Organização da Memória do PROEJA.

ouvido em março de 2012, a participação dos professores da área de Engenharia Elétrica, na concepção do PROEJA, não foi tão efetiva quanto deveria ser e um dos grandes problemas foi o tempo para o planejamento do curso.

Como os prazos foram muito curtos tinha pouco prazo para fazer o planejamento, não deu para retardar o debate. Teria que ter sido mais amplo, feito com mais tempo, poderia ter durado mais o debate. Agora, ele foi feito dentro do possível e, com tanta divergência, teve bastante discussão. Mas ele chegou ao projeto.²⁵

As divergências em relação ao projeto, comentadas pelo entrevistado D, já foram apontadas em outros trabalhos escritos por Possamai (2010), Silva (2010) e Silva e Coser (2012), mostrando as distintas concepções em disputa. Os embates iniciaram principalmente a partir de outubro de 2008, quando chegaram ao Câmpus dez professores de formação básica contratados para atuar no novo curso de PROEJA e quando o projeto do curso teve de ser finalizado para aprovação pelos órgãos colegiados do IFSC.

Entre as grandes dificuldades para a construção do projeto do curso de Eletromecânica estava a pouca participação e a participação inconstante de professores que trabalhariam na área de formação técnica. Na opinião do entrevistado D “o pessoal não tinha a dimensão certa e a participação foi aos poucos, começou devagarzinho”.

Segundo o entrevistado C, os professores da Mecânica foram chamados a participar do grupo para estruturação do PROEJA, sendo que “alguns professores foram voluntários, outros foram indicados”. Destes professores alguns permaneceram e outros, como foi o seu caso, se afastaram do grupo.

Então eu me afastei e um dos motivos pelo qual eu me afastei, um dos, foi que eu percebi, eu vi, uma dificuldade muito grande nas questões iniciais, são questões mais teóricas, sobre fundamentos de como é que devia ser construído a opção PROEJA. Eles estavam em um determinado ponto em que eu me preocupei como aquilo poderia ser operacionalizado, transformado nas questões menores, da grade, da recepção como ia ser, quais seriam as unidades curriculares, então a parte mais lá no final da discussão. Me parece que as coisas estavam sendo tratadas de uma maneira tal que eu imaginava, se no momento eu perguntasse para qualquer pessoa, certo mas e quando como é que vai ser... não existia ainda. Obviamente não existia ainda naquele momento, mas eu percebi uma

25 Entrevistado D. *Entrevista concedida a Leandro da Silva*. Chapecó, Mar. 2012. Acervo do projeto de Pesquisa Organização da Memória do PROEJA.

Memórias do PROEJA: revisitando o processo de implantação do curso de Eletromecânica do IFSC, Câmpus Chapecó

dificuldade, talvez pudesse acontecer daí pra frente, e o que me angustiava bastante era em como transformar aquilo que estava sendo discutido em um curso, e um curso com parâmetros bem definidos, o que vai acontecer em cada momento, então eu me lembro, eu saí no momento que estavam discutindo a questão dos sistemas transversais. Nesse ponto eu lembro de uma proposta que existia, uma proposta no aspecto metodológico aceitável mas que não me apresentava, eu não conseguia entender, uma maneira de transformar aquilo em prática pedagógica. E as coisas começaram a tomar um rumo, numa discussão muito profunda e até certo ponto importante, sobre a questão do próprio curso. Mas não estava avançando para definições práticas, práticas não, para definições do aspecto da prática pedagógica do próprio curso.²⁶

Como se percebe pelo depoimento acima havia um descompasso entre o processo encaminhado de construção do projeto e os tempos e expectativas de cada participante. No caso do entrevistado C, a angústia em não ver o curso se delineando mais claramente se misturava a outras questões como a falta de diálogo entre os professores da área técnica, explicitando as visões diferentes que existiam sobre educação profissional, os embates travados, desde o início de 2008 entre professores da área técnica e Núcleo Pedagógico e a falta de atenção dada naquele momento à realidade dos professores da área técnica, os quais tinham cargas horárias em sala de aula acima das 20 horas semanais.

Na opinião do entrevistado C, os embates travados entre engenheiros e chefia do Departamento de Ensino da época, esta última com formação em Pedagogia, acabou se transformando num embate entre engenheiros e pedagogos, repercutindo na participação dos professores da área técnica na construção do projeto do PROEJA.

[...] é como se lá fosse o palco, o palco de um embate entre pessoas oriundas de uma determinada área, e outras de outra área, ambas, ambos, esses dois grupos sem nenhum deles abrir mão de seus valores, suas definições, agora é, sei lá, então era um palco para um empate assim, pra ver em que resultado chegaria, o que ponderaria, ou até mesmo se não ponderasse, até mesmo no sentido de que isto é uma construção típica de um grupo ligado a pedagogia, não isso é construção típica ligada a engenharia, ou isso é construção... só pra ver o que iria acontecer nesse sentido.²⁷

O embate entre pedagogos e professores de áreas técnicas é parte, há vários anos, da realidade de muitas instituições de educação no

²⁶ Entrevistado C. Op. Cit.

²⁷ Idem.

Brasil. Nos Institutos Federais este embate ocorre por vezes de maneira velada, outras vezes explicitamente, gerando campos de tensão que afetam o cotidiano de diversos câmpis antigos e recém-implantados. No Câmpus Chapecó, os campos de tensão, acirrados a partir de 2007 e 2008 e que acabaram levando a um movimento para substituição da chefia do Departamento de Ensino, que foi assumido por um professor da área de Mecânica, impactaram e continuam impactando na maneira como os servidores se veem, se representam, dialogam ou não entre si.

No caso do PROEJA, o embate travado a partir de 2008 resultou em duas propostas pedagógicas distintas. A primeira, apresentada pelo Núcleo Pedagógico, tinha como perspectiva os Temas Geradores de Paulo Freire, enquanto a segunda, apresentada pela nova chefia do Departamento de Ensino, constituía-se de uma grade curricular disciplinar, numa perspectiva tecnicista.

Em meio ao campo de tensão, descrito acima, estavam os professores recém-chegados da chamada formação geral, os quais, em sua grande maioria, não sabiam o que eram os Temas Geradores de Paulo Freire e muito menos Tecnicismo. Alguns, inclusive, nunca haviam participado da construção de projetos de curso. Este foi o caso da entrevistada E, ouvida em abril de 2012.

Acho importante colocar que naquele período foi uma participação bem inocente e até despreparada. Chegar num grupo e participar de uma construção coletiva eu nunca fiz isso. Antes eu chegava e verificava qual o rol de conteúdos na Química a ser trabalhado em sala de aula e era aquilo que eu fazia. Aí eu cheguei na escola e vamos ter que construir um curso juntos, isso foi uma coisa diferente e nova e foi um momento que pela primeira vez eu participei de um grupo onde se discutia essas ideias e se colocava na frente um do outro o que se defendia. Então minha participação foi bem inocente, nos bastidores, porque eu era inexperiente neste sentido. Hoje, quando eu recordo e você lê fragmentos do projeto do curso ou faz leitura de algum material que esteja relacionado com aquilo que nós discutimos naquela época, eu fico pensando, puxa, eu não tinha noção disso, termos, conceitos que eram discutidos naquele período. Eu não tinha noção. Hoje eu tenho uma compreensão maior.²⁸

Apesar da pouca experiência do grupo de professores da formação básica com Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional, foi deste grupo que surgiu uma terceira proposta de organização curricular. Foi uma espécie de “proposta intermediária” entre as duas

²⁸ Entrevistada E. **Entrevista concedida a Daniel Zanini Severo**. Chapecó, Abr. 2012. Acervo do projeto de Pesquisa Organização da Memória do PROEJA.

outras anteriormente apresentadas. Foi esta terceira proposta que acabou sendo efetivada por meio do projeto pedagógico do curso de PROEJA em Eletromecânica. Tal proposta partiu da definição do Perfil de Saída do Curso e de um Eixo Integrador, definido a partir do proposto pelo Documento Base do PROEJA e tendo como referência do debate advindo do campo da Educação e Trabalho.

O eixo definido foi Trabalho, Ciência, Tecnologia e Cultura. A partir deste eixo foram escolhidos quatro Núcleos Temáticos, quatro Áreas do Conhecimento e os componentes curriculares do curso. Os componentes foram estruturados para que dialogassem entre si. Além disso, um desses componentes, chamados de Projetos Integradores, serviria para aprofundar a integração entre formação básica e formação profissional. O detalhamento sobre esta proposta e a materialidade dos Projetos Integradores foram feitos por Silva e Coser (2012), Silva (2010), Lise (2011), Mário (2010), entre outros autores.

Releituras e novos significados da experiência

Como se percebe pelo exposto acima, o processo de implantação do PROEJA em Eletromecânica partiu de expectativas e experiências de um pequeno grupo envolvido com o projeto e se materializou por meio de um trabalho coletivo imerso em um campo de tensões e diferentes concepções.

Apesar de sua especificidade, o processo de implantação do PROEJA em Chapecó guarda muitas relações com outras experiências de implantação de PROEJA, no IFSC, e em toda a rede federal de educação profissional. Sobre este último aspecto, estudos feitos por Hotz (2010), Campos (2010), Moura (2006) e Pena (2008), entre outros autores, mostram os inúmeros fatores relacionados à implantação do PROEJA em todo o Brasil.

No IFSC, pesquisas realizadas por Coan (2008), Silveira (2009), Garcia (2011), Almeida (2010), Ramos (2011) e Silva (2012) apontam que a implantação do PROEJA ocorreu em um contexto de diversas mudanças institucionais, estas últimas realizadas em resposta às mudanças governamentais nas diretrizes da política pública para a educação profissional no Brasil.

De forma geral, o que os diferentes estudos realizados sobre o tema mostram é que os campos de tensão e os embates de concepção existentes em toda a rede estão relacionados a fatores estruturais, às políticas institucionais e de governo, às formas de gestão, à ausência de uma política de formação docente, à incompreensão das especificidades do público jovem e adulto, à maneira histórica como

a educação profissional e a EJA foram tratadas e concebidas no Brasil, entre vários outros fatores.

Cabe destacar que, apesar das dificuldades enfrentadas, a implantação do PROEJA, no IFSC, e, particularmente, no Câmpus Chapecó, permitiu o acúmulo de experiências e práticas pedagógicas que deixaram suas marcas positivamente na vida de jovens e adultos que optaram pelo curso.

Entre aqueles que foram marcados pelo PROEJA está o entrevistado F, educando da primeira turma do curso, que iniciou as aulas em fevereiro de 2009, filho de agricultores, este entrevistado procurou o curso para aplicar o conhecimento adquirido na agricultura. No momento da entrevista, realizada em junho de 2012, ele estava finalizando o curso após ter conciliado por mais de três anos seu trabalho na agricultura, os estudos noturnos e as atividades como bolsista de pesquisa do IFSC. Nos trechos a seguir, este entrevistado relata aspectos importantes da experiência vivida.

Somos os primeiros a passar pelos sete módulos e a gente pode dizer para o módulo seis, módulo cinco, quais são as maiores dificuldades que eles vão ter no decorrer desses semestres e para que eles têm que se preparar, onde eles têm que dar mais atenção no semestre que eles vão passar.²⁹

Segundo o entrevistado F, apesar de as dificuldades enfrentadas por ele e seus colegas, o que levou muitos a desistência, havia e há no curso todo um empenho dos professores para que o PROEJA desse e dê certo.

Eu vi nos professores uma grande vontade de ensinar esses alunos que estavam chegando nessa modalidade de jovens e adultos. Vi que eles têm uma grande vontade de transformar esse curso de Eletromecânica. Indiferente da idade de quem entrar para esse curso, eles querem que saia aprendendo tanto o técnico quanto o ensino médio.³⁰

Segundo ele, o que mais chamou sua atenção no curso foram os Projetos Integradores e a forma como eles foram trabalhados.

Isso aí despertou mais a curiosidade na gente. Nunca tinha visto essa interdisciplinaridade em nenhum curso que eu tivesse passado até hoje. Sempre foi bem específico de cada professor em sua matéria. Foi a primeira vez que eu vi esse Projeto Integrador. Mas eu gostei muito. Acho que mais cursos deviam usar esse Projeto Integrador. Isso ajuda tanto na preparação de

29 Entrevistado F. **Entrevista concedida a Leandro da Silva**. Chapecó, Jun. 2012. Acervo do projeto de Pesquisa Organização da Memória do PROEJA.

30 Idem.

aula e cursos dos professores como ajuda muito os alunos.³¹

A experiência vivida pelo entrevistado F, no curso de PROEJA em Eletromecânica, mostra que os debates realizados, as divergências explicitadas e as utopias que pareciam tão distantes, foram fundamentais para a (re)significação da escola e dos processos educativos. Foi essa experiência vivida que despertou neste entrevistado o desejo de ir além e fazer um curso superior na área de Física, após sua formatura no PROEJA.

Assim como o entrevistado F, a experiência vivida marcou também a vida dos entrevistados A, B, C, D e E e de vários outros profissionais que se envolveram com o PROEJA, nos últimos anos, no Câmpus Chapecó. O relato a seguir, feito pela entrevistada E, mostra como esta foi desafiada e marcada pelo trabalho com o público jovem e adulto.

Eu não tinha nenhuma noção de trabalho com público jovem e adulto. Desde que eu fiz o curso de Química e Licenciatura que sabia que eu seria professora existia a preocupação minha que os alunos compreendessem esse assunto por mais que fosse difícil e abstrato, que existisse um pouco mais de raciocínio lógico apurado e aprofundado, que existisse uma preocupação deles de aprender. Então isso já vem comigo, a minha trajetória e a minha história como professora. No entanto, trabalhar com jovens e adultos é muito diferente do que eu estava acostumado. Então esse primeiro semestre (de 2009) foi bem difícil. Foi mais difícil superar o medo e a insegurança de trabalhar junto com outros colegas, momentos de entrar em sala de aula no Projeto Integrador, porque até aquele momento eu não tinha domínio e clareza do que eu trabalharia em Química ali. A novidade de ir para a sala de aula junto com os colegas trabalhar outros assuntos, junto, coletivamente, por mais que tivesse a participação da Química, só que o medo e a insegurança eram tão grandes que por ser algo novo, até mesmo na questão de Química, eu era insegura o que era o fato de estar fazendo algo diferente com outras pessoas. Depois foi passando com tempo. Foi uma grande dificuldade se deparar com o Projeto Integrador, se deparar com jovens e adultos, porque eles tinham muita dificuldade, mas também tinha bastante vivência com o mundo, de vida, tinha situações que eles questionavam, perguntavam (...) Hoje eu me vejo como alguém que aprendeu muito dentro desse processo de construção.³²

Assim como a entrevista E, muitos outros educadores e educandos aprenderam com o processo. No entanto, isto não significa que as divergências de concepção e as dificuldades no trabalho com o público

31 Idem.

32 Entrevistada E. Op. Cit.

jovem e adulto não continuem. Ao contrário, elas agora são de outra ordem e foram (re)significadas pela memória e pela experiência.

Desde junho de 2011 foi instituído um novo grupo de trabalho para reformulação do projeto pedagógico do PROEJA. Desse grupo, participavam, em 2012, mais de 15 pessoas, entre educandos, professores e Núcleo Pedagógico. Os debates e embates continuam acalorados no interior do grupo que, junho de 2014, ainda não havia concluído os trabalhos. A expectativa é que o novo projeto possa avançar em relação ao projeto construído em 2008. Porém, se isto ocorrerá ou não só será possível saber futuramente por meio de novas pesquisas com os sujeitos envolvidos e atingidos pelas mudanças propostas.

Considerações Finais

O presente artigo mostrou um conjunto de memórias sobre o processo de implantação do Curso Técnico de Nível Médio em Eletromecânica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

A intenção foi ouvir os sujeitos envolvidos com este curso e perceber como, cerca de quatro anos depois, eles (re)significaram o processo vivido por meio da memória e a partir da experiência.

Trazer à tona as memórias sobre o PROEJA permitiu identificar formas, perspectivas e sentimentos em relação à maneira como cada um se inseriu ou não na concepção e nos debates para a implantação de um novo curso, a partir do final de 2007.

Pelo que se percebe pelos depoimentos colhidos, houve grandes aprendizados a partir da prática, o que tornou a todos mais maduros no contexto atual de reformulação do projeto do curso. Isto não significa, porém, que os embates pelo PROEJA e pelo direito de jovens e adultos à escola tenham acabado. Pelo contrário, tais embates continuam, agora reunindo antigos e novos personagens, os quais se posicionam a partir de suas diferentes experiências com o PROEJA e em outros espaços.

Para os que acreditam e defendem o PROEJA, as memórias e experiências do processo vivido e dos inúmeros avanços conquistados servem como orientadoras de novas práticas e como armas nos embates travados cotidianamente. Ao fazerem isso materializam o passado como espelho do presente e, tal como propôs Hobsbawm (1998), dão sentido às práticas cotidianas por meio da memória.

Por fim, utilizam-se do passado e da memória para alimentar suas utopias e para continuar consolidando o PROEJA na rede federal, comungando do esforço de milhares outros educadores e educandos,

visando construir uma escola mais acolhedora, que integre conhecimentos e vivências múltiplas e que transforme o presente à luz do passado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. V. **Da Escola de Aprendizizes Artífices ao Instituto Federal de Santa Catarina**. Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2010.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL. **Documento Base do PROEJA: Formação Inicial e Continuada/ Ensino Fundamental**. Brasília, DF, 2007.

CAMPOS, C. A. **Os desafios da implementação do currículo integrado do PROEJA em Rio Verde-GO**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). UFG, Goiânia.

CATROGA, F. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2001.

COAN, L. G. W. **A implementação do PROEJA no CEFET-SC: relações entre seus objetivos, os alunos e o currículo de matemática**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSC, Florianópolis, 2008.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 44ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, C. **A implantação do PROEJA no IF-SC Câmpus Florianópolis: acertos e desacertos**. Monografia (Especialização em PROEJA). IF-SC, Florianópolis, 2011.

HOBBSAWM, E. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOTZ, K. G. **Avaliação da implementação do PROEJA em municípios do Oeste do Paraná (2008-2009)**. Dissertação (Mestrado em Educação). UNIOESTE, Cascavel, 2010.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Ofertas de ingresso em cursos PROEJA no IFSC**. 2014. Disponível em: <<http://www.ifsc.edu.br/ofertas-de>

ingresso.> Acesso em: jun. 2014.

JARA, O. **Sistematização de experiências:** o desafio de aprender de nossas práticas. CEP Alforja/ CEAAL, Nov. 2011. Disponível em: <http://forumeja.org.br/oscarjara>.

LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LISE, L. **Projetos Integradores:** limites e possibilidades de uma prática integrada no curso de PROEJA Eletromecânica do IF-SC Campus Chapecó. Chapecó: Mimeó, 2011.

MÁRIO, L. C. **Integração curricular:** relato de uma experiência vivenciada no PROEJA do IF-SC, Campus Chapecó. Monografia (Especialização). IF-SC, Chapecó, 2010.

MOURA, D. **O PROEJA e a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.** In: EJA: formação técnica integrada ao ensino médio. Boletim n.16, Secretaria de Educação a Distância/MEC. Programa Salto para o Futuro. Rio de Janeiro, setembro de 2006.

PALUDO, D. I. S. **Educação com participação popular em Chapecó – SC: a política educacional como possibilidade de transformação social.** Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis, UFSC, 2009.

PENA, G. A. C. Reflexões sobre o processo de implantação do PROEJA no CEFET Ouro Preto. **Anais do I Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica.** Belo Horizonte: CEFET/MG, 2008. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo22.pdf> Acesso em: jun. 2014.

PORTELLI, A. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: **Revista Projeto História.** São Paulo, nº 10, dez. 1993.

POSSAMAI, L. F. L. O **PROEJA e a construção da interdisciplinaridade no trabalho pedagógico.** Monografia (Especialização em PROEJA). IF-SC, Chapecó, 2010.

PROJETO do curso de Eletromecânica do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Chapecó. Chapecó: IFSC, 2010.

RAMOS, E. E. L. **Propondo práticas e desafiando certezas:** um estudo em turma do PROEJA numa perspectiva de educação matemática crítica. Tese (Doutorado em Educação). UFSC, Florianópolis, 2011.

RAMOS, M. **Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde.** Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010.

SCOTT, J. W. Experiência. In: SILVA, Alcione L., LAGO, Mara C.S. & RAMOS, Tânia R.O. (org.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

SILVA, A. L. **O PROEJA no Instituto Federal de Santa Catarina.** Anais da 35ª Reunião Anual da ANPED. Porto de Galinhas-PE, ANPED, 2012.

SILVA, A. L. e COSER, J. A experiência do Projeto Integrador I no curso de PROEJA em Eletromecânica do IF-SC Câmpus Chapecó. **Revista Técnico-Científica**, Florianópolis, nº 3, v. 1, 2012.

SILVA, A. L. e SILVA, Â. O PROEJA no IF-SC, Câmpus Florianópolis - Continente: reflexões sobre uma construção coletiva. **Revista EJA em Debate**, Florianópolis, nº01, v.1, 2012.

SILVA, Â. **Experiência da educação em Química no curso de Eletromecânica (PROEJA) do IF-SC Câmpus Chapecó.** Monografia (Especialização em PROEJA). IF-SC, Chapecó, 2010.

SILVEIRA, M. L. **PROEJA: uma proposta de educação integral e integrada – limitações do discurso à prática no IF-SC Câmpus São José.** Monografia (Especialização em PROEJA). IF-SC, São José, 2009.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Recebido em: 21/11/2013

Aprovado em: 25/08/2014